

### O HOMEM CORDIAL

Na "flauta de papel", livro de crônicas a que já tive ocasião de me referir, Manuel Bandeira mostra-se surpreso com a formação de "uns poucos, muito poucos escritores nossos" — perguntando como teria sido possível que "chegassem a tamanha força e tamanha disciplina mental dentro do nosso atraso e da nossa desordem?" Três, sobretudo, o espantam: Machado de Assis, João Ribeiro e Sergio Buarque de Holanda. "O enxerto da cultura estrangeira em gleba nacional de tão generoso teor — são palavras do altíssimo poeta — não será bastante para explicar a superioridade deles, já que em outros autores, muito estimáveis de certo, os mesmos elementos não puderam gerar a robusta originalidade daqueles três mestres, cada um dos quais verdadeiramente sem par em sua geração".

O título da crônica de Bandeira é: "Sergio, anticafajeste". O texto explica: "Sergio é o anticafajeste por excelência. Bem, Sergio é paulista e todo paulista tem os seus defeitos, mas é raro que seja cafajeste".

No dia em que recebi o livro, encontrei-me por acaso com a admirável figura das nossas letras, objeto de tão desvanecedor quanto justo elogio — e mostrei-lhe a página que a ele se referia. Pareceu surpreender-se:

— Hein? Como? O Manuel diz isso? Deixe ver — Leu o título e protestou: — Eu, anticafajeste? Absolutamente!"

E' assim o nosso Sergio. Naturalmente, ficou comovido — e quem não ficaria, com uma referencia dessa ordem, feita por Manuel Bandeira, a quem, aliás, ele dedica uma grande e delicada ternura? Mas a sua natural, legitima, espontanea modestia reagiu prontamente, quase de maneira mecanica, não repelindo, porém, espantando-se sinceramente com o louvor que o punha em destaque, que o colocava em plano tão excepcionalmente saliente entre os seus contemporaneos, somente comparavel a esses dois grandes mestres do nosso passado, que foram Machado de Assis e João Ribeiro.

Não conheço, entre os nossos maiores escritores, ninguém mais despreocupado da gloria, ou pelo menos de suas aparencias convencionais. Ninguém mais simples, menos formal, menos "medalhão", doutoral e grave, do que esse homem que não é apenas o autor das "Raizes do Brasil" — livro classico da nossa literatura historica — mas também um dos nossos mais serios eruditos, que tudo sabe, tudo leu, um escritor dos mais puros e perfeitos da nossa lingua, em suma, essa "figura sem par" que Manuel Bandeira com tanto entusiasmo admira e com tanto carinho soube retratar. "A classe de Sergio!" — exclama o poeta, numa observação que tudo resume.

O que deixa aturdido e confuso o elogiado:

— Ah?... Hein? Como?

E ri, igualzinho a uma criança, um menino encabulado porque recebeu louvor da professora. A's vezes parece meio "aluado"... Já sei, está comovido, porque esse austero professor é um tímido poeta, desses que, desconfio, choram no cinema e disfarçam o envasgo da emoção com o paliativo da pilheria...

Engraçadíssimo, quando conta casos — principalmente episodios de suas viagens — sua companhia é um encanto que nenhum amigo pode longamente dispensar. "Faz tempo que o Sergio e a Maria Amelia não vêm aqui. Vamos telefonar?" Importante, respeitado, admirado, diretor do Museu Paulista, professor da Universidade de São Paulo, marido exemplar e pai de sete filhos, conserva-se, no fundo, o mesmo boêmio da mocidade, e dá a vida por um cavaco cordial em torno de um alcoolzinho camarada, que ajude a noite a passar docemente... Sergio, o anticafajeste! Sabem lá o que é isso?

Martins, Luis  
O Estado de Paulo